

Resenha do livro de Lincoln de Abreu Penna. *Lula, a presidência - Passos e tropeços*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2006, 112 págs.



*Aluizio Alves Filho\**

Leveza da escrita e estilo elegante associados à tomadas de posições corajosas e a conteúdo perenemente crítico são qualidades raras e sempre reunidas nos textos do historiador Lincoln de Abreu Penna. O original que acabo de ler, intitulado *Lula a presidência passo a passo*, não se constitui numa exceção, e sim na confirmação das citadas qualidades de seu autor; qualidades que tipificam a sua já quantitativa e qualitativa produção. O livro foi composto com um conjunto de artigos que foram escritos no calor da hora e que vão formando um painel que põe a desnudo o caráter simplista das explicações dominantes em voga.

Em um texto analítico e rico em informações sobre a atual vida pública brasileira, o autor abre algumas janelas para trazer um feixe de luz sobre o nosso passado com comentários pontuais, entre outros, sobre as “aves de rapina” que levaram Vargas ao suicídio e a campanha popular “o petróleo é nosso”, que culminou com a criação da Petrobrás em 1953.

O que no substancial diferencia o livro sobre o governo Lula escrito por Lincoln, da maior parte dos outros que sobre o assunto foram ou vem sendo publicados é o método que informa a sua elaboração teórica. Método que implica em não escamotear que a sociedade capitalista está cindida em classes sociais, mas ao contrário, pela introdução desta variável pensar as relações políticas não como um mero jogo de fofocas, “modernidades neoliberais”, e complôs palacianos, coisa tão ao

gosto da grande imprensa, mas alicerçadas, em última instância, nos chamados interesses materiais. É com base nesses princípios metodológicos que o autor faz um estudo objetivo do governo Lula, ou seja: análise concreta de uma situação concreta.

Quando falamos em estudo objetivo não estamos querendo fazer de "objetividade" sinônimo de neutralidade. O texto de Lincoln não é neutro, ao contrário, é marcado pela paixão pelo nacional e de preocupações pelo destino dos homens pobres de nossa terra, sejam vendedores de força de trabalho, bóias-frias, membros do exército industrial da reserva ou de toda uma gama de brasileiros que, excluídos e sem destino, vagueiam nas cidades e nos mais recônditos lugarejos de nossa hinterlândia.

A questão da paixão *versus* a imparcialidade, aqui a florada, talvez tenha sido tratado pela primeira vez no Brasil, de forma correta e rigorosa, quando Manoel Bomfim, em 1905, na *Advertência* que escreveu como prólogo de *A América Latina males de origem*, referindo-se aos cultores da tal imparcialidade, comentou: "*Pobres almas!... Como seria fácil impingir teorias e conclusões sociológicas, destemperando a linguagem e moldando a forma a hipócrita imparcialidade exigida pelos críticos de vista curta! ... Não; prefiro dizer o que penso com a paixão que o assunto me inspira; paixão nem sempre é cegueira nem impede o rigor da lógica*".

Concernente com o dito, na medida que se avança na leitura do livro a linguagem vai mudando de tom, começa esperançosa e com o desenrolar dos acontecimentos a indignação do autor vai surgindo e crescendo. Pode-se considerar que na avaliação de Lincoln, o presidente Lula, como se fora um malabarista circense, procura equilibrar-se – na medida em que isso é possível – entre as duas oposições que o cercam: uma de direita e a outra de esquerda. A primeira cobra com fúria o apoio eleitoral que lhe deu, exigindo a obtenção de seguidos privilégios espoliativos, no sentido de arrambar mais e mais os magérrimos bolsos dos trabalhadores. A segunda, cobra do presidente coerência com as bandeiras históricas do petismo.

Os compromissos assumidos por Lula com o grande capital foram firmados poucos meses antes da eleição, em *Carta aos Brasileiros*, documento do PT que não contou com o apoio de muitas facções do partido e de número substantivo de petistas

históricos. O documento, cujo nome correto deveria ser *Carta aos Especuladores e Agiotas Internacionais*, foi a pedra de toque que metamorfoseou a realização das anunciadas esperanças em medo. Além disso, o “Lulinha Paz e amor, uma invenção de *marketeiros*”, foi o sinal aberto para as negociações mais espúrias. A respeito, Lincoln observa que “*o custo político do projeto tem sido alto demais, pois desqualificou ideologicamente o PT*” (p. 29).

A questão democrática é uma das pedras angulares do livro, que está repleto de oportunos questionamentos a respeito. Sempre defendendo o Estado Democrático de Direito, o autor leva os seus leitores a pensar nas dificuldades que as formações sociais capitalistas tem de realizar, na plenitude, a concepção democrática. Seguidamente, nas páginas de seu livro, Lincoln argumenta em favor da democracia social, “*da democracia de massas, socialmente justa e distributiva*” (p. 46).

Juntamente com a problematização da democracia, a trilogia desigualdade, violência e corrupção – que atingiu índices altíssimos em um conjunto expressivo de países na era globalizada e neoliberal – dá a diretriz a temática tratada. Em decorrência, um chorrilho de questões vai surgindo, envolvendo: ética e corporativismo, a confraria, o mensalão, o caixa 2, as CPIs, o vale tudo eleitoral, São Paulo em chamas, o relatório Serraglio, o voto secreto dos parlamentares em processos de cassação de mandatos, a relação representantes e representados, e muitas outras.

Em suma, *Lula a presidência passo a passo* é um livro inquietante e oportuno, de leitura obrigatória para todos os que queiram ter um fecundo manancial para refletir sobre a realidade política brasileira na primeira década do novo milênio.

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do IFCS-UFRJ.